

O Caso de Ensino no Contexto Remoto: a experiência da disciplina de Geopolítica e Segurança

The Teaching Case in the Remote Context: the experience with Geopolitics and Security Studies

Elia Cia Alves¹ 
Augusto W. M. Teixeira Junior² 
Cristina Carvalho Pacheco³ 

DOI: [10.22478/ufpb.2525-5584.2022v7n2.61045]

Recebido em: 10/04/2021
Aprovado em: 14/07/2022

Resumo: Como melhorar o engajamento dos alunos em sala de aula, especificamente diante dos desafios impostos no contexto de ensino remoto? Os casos de ensino criam estruturas que permitem a análise de fatos da realidade internacional, a partir da aplicação de conceitos teóricos. Constituem uma estratégia de ensino ativo amplamente empregada nas áreas de Direito e Administração, com crescimento paulatino nos cursos de RI no Brasil, demandando um esforço no sentido de criação, elaboração e testagem de conteúdo específico para as disciplinas da área. O presente artigo apresenta o funcionamento e os resultados de uma estratégia de avaliação implementada na disciplina de Geopolítica e Segurança (GPS), do curso de Relações Internacionais (RI) da UFPB, em 2020. Ao longo da disciplina, foram aplicados três estudos de caso, focando diferentes regiões geográficas e uso de força em domínios aéreo, terrestre e marítimo. Dentre os resultados, através de survey com os alunos, notou-se que a estratégia teve efeitos positivos na autopercepção de aprendizagem dos conceitos teóricos discutidos ao longo do curso. Considerando que a pandemia de COVID-19 e seus efeitos no Brasil geram desafios ao engajamento discente, o relato dessa experiência pode incentivar a adoção de metodologias ativas de ensino, tanto nos contextos remoto, híbrido e até presencial.

Palavras-chave: Caso de Ensino; Geopolítica; Segurança Internacional; Relações Internacionais; Ensino Remoto.

¹ Universidade Federal da Paraíba. E-mail: eliacia@gmail.com.

² Universidade Federal da Paraíba. E-mail: augustoteixeirajr@gmail.com.

³ Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: criscpacheco@gmail.com.

Alves, Teixeira Junior & Pacheco. O Caso de Ensino no Contexto Remoto: a experiência da disciplina de Geopolítica e Segurança

Abstract: How to improve student engagement in the remote context? The teaching cases create structures that allow the analysis of facts from the international reality, based on the application of theoretical concepts. They constitute an active teaching strategy widely employed in the areas of Law and Business, with a gradual growth in IR courses in Brazil, demanding an effort towards the creation, elaboration and testing of specific content for the disciplines in the area. This article presents the functioning and results of an assessment strategy implemented at the subject Geopolitics and Security (GPS) of the International Relations (IR) course at UFPB in 2020. We applied three case studies, focusing on different geographic regions and use of force in air, land and maritime domains. Among the results, through a survey with the students, we identified the strategy had positive effects on the self-perception of learning theoretical concepts discussed throughout the course. Considering that the COVID-19 pandemic and its effects in Brazil challenges student engagement, the report of this experience can encourage the adoption of active teaching methodologies, both in remote, hybrid and even in-person contexts.

Keywords: Teaching Case; Geopolitics; Active Learning; Remote Learning; International Relations.

1. Introdução

A pandemia de COVID-19 afetou o ensino e aprendizagem em quase todas as instituições de ensino superior (IES) do mundo. Marinoni et al. (2020) estimam que dois terços das IES implementaram educação a distância. Em março de 2020, o início do semestre letivo na maioria das IES do Brasil foi surpreendido pela necessidade de suspensão das atividades de ensino presencial. Além do custo humano da pandemia, essa medida atrasou a formação em diversas instituições de ensino superior no Brasil.

Professores e alunos passaram a enfrentar novos obstáculos para além dos já existentes em ambientes presenciais. De um lado, os professores tiveram que se capacitar para o domínio de novas ferramentas, até então desconhecidas da maioria, e adaptar suas aulas presenciais para o ambiente virtual. Do outro lado, os alunos, com o mais evidente dos obstáculos: a acessibilidade aos recursos tecnológicos, não apenas no tocante a equipamentos, como também aos meios adequados para acompanhar aulas virtuais, que incluem desde um ambiente adequado e silencioso, como computador e internet que sustentassem videoconferências.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019 mostrou que 82,7% dos domicílios do país possuíam acesso à internet. Desses, 99,5% utilizaram o telefone celular como meio de conexão. Apenas 45,1% dos domicílios com acesso à internet no Brasil utilizavam o microcomputador para esse fim (IBGE, 2019). Em abril de 2020, em pesquisa feita com os alunos da UFPB, 92,3% declararam possuir telefone

Alves, Teixeira Junior & Pacheco. O Caso de Ensino no Contexto Remoto: a experiência da disciplina de Geopolítica e Segurança

celular, 65,4% tinham acesso a um microcomputador em casa com condições de trabalho e 75,5% tinham acesso a conexão de banda larga (UFPB, 2020).

Os recursos tecnológicos existentes condicionaram a transição para o ensino remoto. O acesso aos dispositivos, a qualidade da conexão da internet e a utilização de plataformas de ensino à distância online estão entre os fatores críticos que deveriam ser integrados à concepção de uma resposta educativa à crise. Para superar o acesso à internet, a Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, foi uma das primeiras a disponibilizar kits com chips para acessar internet para alunos de baixa renda. Essa prática tornou-se comum entre a maioria das IES brasileiras e muitas passaram a oferecer suporte financeiro para a compra de tablets e/ou internet.

Além da dimensão técnica, um dos maiores desafios do ensino remoto permeia todas as camadas socioeconômicas: o engajamento e garantia de envolvimento dos alunos. Gaufman & Möller (2021) discutem que a simples transição de longas exposições do contexto presencial para o online pode levar os alunos a uma posição de “consumidores passivos de conhecimento”. Em pesquisas, 41,7% dos alunos respondentes declararam nunca terem feito um curso online, antes de abril de 2020, (UFPB, 2020). Apesar de não ter a mesma informação com relação a docentes ensinando online, pode-se inferir que, provavelmente, a maioria dos docentes jamais lecionara cursos de maneira totalmente remota antes de 2020.

Por não estarem acostumados com cursos à distância, uma tendência que marcou as primeiras experiências de aula remota consistiu na replicação das mesmas práticas de ensino-aprendizagem presencial para o contexto remoto. Esse foi o caminho adotado por diversos professores, constrangidos com esta súbita transição sem a possibilidade de se preparar adequadamente para o novo espaço. Diante desse contexto, refletir sobre e compartilhar iniciativas de aprendizagem ativa que promovem a interação entre os professores e alunos no contexto remoto é fundamental, pois contorna as dificuldades impostas no ensino digital, viabilizando a participação nesse ambiente relativamente mais engessado que o presencial (Glazier 2021). Ademais, infere-se que estratégias de ensino ativo que obtiveram resultados positivos durante a pandemia poderão produzir efeitos semelhantes após o contexto pandêmico.

Pelas razões expostas, o objetivo desse artigo é apresentar o funcionamento e os resultados de uma estratégia de avaliação que foi implementada na disciplina de Geopolítica e Segurança (GPS) do curso de Relações Internacionais da UFPB, no

Alves, Teixeira Junior & Pacheco. O Caso de Ensino no Contexto Remoto: a experiência da disciplina de Geopolítica e Segurança

segundo semestre de 2020. A avaliação consistiu na aplicação de três estudos de caso, com foco em diferentes regiões geográficas, ao longo do semestre e discussão do uso da força em domínios aéreo, terrestre e marítimo, a partir de uma ótica contextual.

As metodologias ativas de ensino permitem que o aluno tenha experiências ao aplicar uma estrutura de análise, a partir de conceitos teóricos, de uma perspectiva prática. Os casos de ensino, por exemplo, permitem que o aluno reflita sobre as ferramentas teóricas em fatos da realidade do sistema internacional e representam uma proposta de metodologia ativa que pode ser empregada tanto no contexto remoto, como no presencial.

Além desta introdução, o artigo está dividido da seguinte maneira: a seção 2 aborda o uso de casos de ensino nas RI no Brasil, destacando os avanços observados na área e os desafios que se intensificaram diante da pandemia de Covid-19, especialmente no sentido de promover a adaptação do ensino no contexto remoto. A seção 3 discute os elementos teóricos que fundamentaram a atividade de ensino da Geopolítica, através do debate sobre A2/AD. Na sequência, apresenta-se a metodologia e os procedimentos da aplicação dos casos. A seção 5 apresenta os principais resultados e os desafios da aplicação, bem como considerações finais, pontuando aspectos relacionados à elaboração e implementação de inovações no ensino em relações internacionais, especialmente no contexto remoto.

2. O caso de ensino nas Relações Internacionais no Brasil: avanços e desafios

Já consolidado nas áreas de Administração e Direito, o estudo de caso tem sido aplicado com mais frequência nas Relações Internacionais anglo-saxãs nos últimos 20 anos. Com importante acervo de banco de dados na *Kennedy School of Government de Harvard*⁴, é aplicado tanto em sala de aula, como suporta pesquisas que se baseiam em casos práticos. Mais recentemente, contudo, algo mais específico vem surgindo nas RI: o caso de ensino. Seguindo a linha do aprendizado ativo, o caso de ensino é uma estratégia que estimula o aluno a vislumbrar uma situação de tomada de decisão e explorar questões complexas que estimulam elementos de análise crítica, avaliação e reflexão sobre o conteúdo estudado. O *Institute for the Study of Diplomacy (ISD)*, da Universidade de *Georgetown* (EUA) é, possivelmente, a principal fonte de referências e casos na área de RI (Golich et al., 2000).

⁴ Disponível em: <https://case.hks.harvard.edu>

Alves, Teixeira Junior & Pacheco. O Caso de Ensino no Contexto Remoto: a experiência da disciplina de Geopolítica e Segurança

O caso de ensino difere do estudo de caso (Lynn, 1999; Lamy, 2012), o primeiro sendo uma estratégia de ensino, o segundo uma modalidade metodológica de desenho de pesquisa. A diferença básica, na avaliação de Lynn (1999, p. 15-16) é que um estudo de caso fornece a resposta à situação dada, enquanto um caso de ensino requer que o estudante discuta o caso e descubra as respostas ao longo do processo. Um estudo de caso é desenvolvido dentro de uma pesquisa e nele o pensamento já foi desenvolvido, os resultados já foram descobertos e as conclusões já se encontram no caso.

No caso de ensino, os alunos são inseridos em um ambiente que reproduz uma situação complexa e difícil e são estimulados a desenvolver habilidades que incluem a descrição, a análise, a explicação e a previsão (Lamy, 2012, p. 245). O professor torna-se um facilitador nesse processo, e estimula os alunos a fazer perguntas, sugerir explicações e tomar decisões. Esta última, talvez, seja a principal oportunidade que um caso de ensino forneça, enquanto aprendizado, para o aluno, na visão de Golich et al. (2000, p. 12).

Um bom caso de ensino precisa ter uma personalidade completamente desenvolvida, algum drama relacionado à decisão ou ao evento escolhido e referências diretas vindas dos atores que participam da situação sugerida no caso (Lamy, 2012, p. 147). Além destes três elementos, Lynn (1999, pp. 117-119) identifica um conjunto de qualidades que contribuem para que o caso se torne excelente: que a sua solução não seja óbvia, que a descrição sobre os atores chave seja o mais detalhado possível, que as informações contidas sejam suficientes para que haja uma exploração das diferentes posições ou decisões que sejam tomadas, que seja complexo e que o leitor compreenda como o processo político daquela situação em particular funciona.

Por último, casos de ensino podem ser de dois tipos: retrospectivos ou envolver tomada de decisão (Lamy, 2012, p. 248). No primeiro caso, eles relatam a história de um evento ou questão importante. Mostram este evento a partir da perspectiva dos atores relevantes e trazem detalhes que influenciam no processo de tomada de decisão. São casos que estimulam os alunos a rever importantes eventos históricos. Podem incluir, por exemplo, entrevistas e discursos proferidos pelos atores-chave. Por outro lado, os casos que demandam uma tomada de decisão estimulam os estudantes a encontrar respostas para problemas complexos, a partir das quais a decisão será oferecida.

Utilizado com certa frequência nas RI anglo-saxãs, esse instrumento vem tornando-se iniciativa isolada de docentes nas salas de aula Brasil afora. Mais raro ainda é localizar publicações sobre a temática específica na área. Milani & Tude (2015)

Alves, Texeira Junior & Pacheco. O Caso de Ensino no Contexto Remoto: a experiência da disciplina de Geopolítica e Segurança

organizaram um conjunto de casos de ensino em torno do tema da globalização, utilizando como parâmetro o roteiro elaborado por Roesch (2007) para construção de casos de ensino. Carvalho Pinto et al (2017), em dossiê específico sobre o ensino em Relações Internacionais (Ramanzini Jr. & Lima, 2017) também apresentam um exemplo de aplicação de caso prático em teoria de RI.

Todas as publicações citadas, contudo, são experiências aplicadas em salas de aula presenciais, algo não vivenciado desde março de 2020, quando a pandemia de SARS-Cov2 fez com que as aulas presenciais fossem substituídas pelo ensino remoto emergencial, ou ensino híbrido, ambos aplicados a abrupta mudança no ambiente de ensino. O ensino remoto emergencial nada mais é do que o uso de ferramentas disponibilizadas na internet que permitem reativar as atividades acadêmicas garantindo o distanciamento social que a pandemia requer. Em um primeiro momento, em algumas instituições, houve uma mudança transição para o contexto online, com o objetivo de oferecer uma resposta rápida diante de uma situação emergencial. Nos semestres subsequentes, o planejamento das disciplinas já considerou a modalidade remota, o que permitiu uma mínima preparação no sentido de se pensar atividades que pudessem ser implementadas nesse contexto. Assim, a disciplina de Geopolítica e Segurança já foi desenhada, e adaptada, para ser oferecida na modalidade remota. O objetivo educacional do curso foi no sentido de instrumentalizar os alunos com conceitos teóricos basilares da Geopolítica e da Segurança Internacional, a partir do debate de antiacesso e negação de área, A2/AD, para que pudessem avaliar, criticamente, a atuação de atores internacionais em contextos geoestratégicos específicos. Por isso, a próxima seção sintetiza os principais elementos teóricos discutidos do curso, cuja apreensão por parte dos discentes foi avaliada de maneira continuada, ao longo do semestre, através da aplicação de três casos distintos, conforme detalhado na seção 4.

3. O ensino da Geopolítica e Segurança Internacional através do debate sobre A2/AD

Segundo autores clássicos da área, como Meira Mattos (2002), a Geopolítica congrega em sua perspectiva o estudo da relação entre a geografia, a história e a política na produção dos fenômenos sob os quais essa ciência se debruça. De forma mais precisa, Gray & Sloan (1999) afirmavam que a Geopolítica busca dar conta da dimensão espacial das relações internacionais. Incorporando a História desde a sua gênese, caberia a

Alves, Teixeira Junior & Pacheco. O Caso de Ensino no Contexto Remoto: a experiência da disciplina de Geopolítica e Segurança

Geopolítica contribuir para que as Relações Internacionais agregassem em seu bojo a perspectiva geográfica e suas repercussões para a política de poder.

Desde os primórdios da Geopolítica, distintas teorias foram identificadas por sua ênfase em determinadas dimensões da guerra. A teoria do Poder Marítimo de Alfred Mahan e a teoria do Poder Terrestre de Mackinder apresentam esse traço em comum, reverberado também pela teoria do Rimland de Nicholas Spykman. A confluência entre a Geopolítica e as distintas expressões do poder militar contribuem para pensar uma divisão heurística da geopolítica e da geoestratégia, não apenas a partir de suas distintas teorias, mas também a partir das diferentes dimensões geográficas da guerra (Gray & Sloan, 1999).

Tendo como foco a geopolítica tradicional, ontologicamente vinculada à tradição realista, opta-se pelo estudo e ensino da geopolítica através de domínios de operações militares tais como: terra, mar, ar, espaço e ciberespaço, privilegiando os três primeiros para facilitar o aprendizado no nível de graduação. Não obstante, no mundo real, os fenômenos investigados na geopolítica se processem sem respeitar os limites de cada domínio, esse recorte é pedagogicamente útil. Seja porque permite o ensino mais detalhado entre teorias, exploração do ambiente geográfico, sistemas de armas e consequências políticas; mas também porque através de exercícios e simulações, constrói-se o entendimento de que a geopolítica e suas dinâmicas de força são, nos tempos atuais, fundamentalmente multidomínio (Williams, 2017).

Estratégias de antiacesso e de negação de área (ou A2/AD, acrônimo na língua inglesa) combinam duas modalidades distintas de estratégias de nível operacional. Capacidade antiacesso (A2) consiste em poder impedir um oponente de projetar força militar contra uma área contestada (Tangredi, 2013). Distinto de uma postura defensiva de um terreno, A2 permite evitar a penetração em uma área contestada (território nacional, ultramarino, etc.) de um adversário em qualquer domínio físico da guerra (mar, terra ou ar). Caso falhem as capacidades de antiacesso (A2) ou o país não as possua, capacidades de negação de área (AD) permitirão ao país defensor mitigar ou reduzir substancialmente a mobilidade da potência invasora no interior de uma região contestada. Ao negar a mobilidade, as chances de que o inimigo atinja os centros de gravidade do defensor são reduzidas, levando o adversário a capitular em seu desejo por causa da atrição e desgaste no decurso de um conflito armado potencialmente prolongado.

Alves, Teixeira Junior & Pacheco. O Caso de Ensino no Contexto Remoto: a experiência da disciplina de Geopolítica e Segurança

Entre os temas contemporâneos que captam a relação entre geopolítica e estratégia militar, os debates sobre antiacesso e negação de área constituem objeto de investigação de elevado valor heurístico. Primeiramente, reconhecidos como uma estratégia do nível operacional (priorizando o Teatro de Operações), os estudos sobre A2/AD priorizam o entendimento da relação entre geografia, tecnologia e poder militar. Em segundo lugar, o A2/AD preconiza uma perspectiva multidomínio, permitindo estudar distintas manifestações do fenômeno na geopolítica e na geoestratégia. Por fim, casos célebres de A2/AD na literatura são coincidentes com os principais casos de interesse da geopolítica contemporânea, como: Estados Unidos, China, Rússia, por exemplo (Tangredi, 2013). O que explica o emprego de casos de relevância central na literatura, além do caso brasileiro, de maneira a despertar a visão prática e a aplicação de conceitos teóricos em situações reais da política e segurança internacional.

4. Metodologia e Notas de ensino

A disciplina de Geopolítica e Segurança Internacional (GPS) geralmente é lecionada para alunos do terceiro período do curso de graduação de RI e tem como objetivos principais discutir a conexão entre geopolítica, geografia, segurança internacional e estratégia. A experiência ocorreu no segundo semestre de 2020, com uma turma de 38 alunos, dos quais um trancou a disciplina e outro foi reprovado por ausência. Ao final, participaram da atividade 36 alunos.

A estratégia de avaliação de conteúdo consistiu na aplicação de três estudos de caso ao longo do semestre, discutindo conceitos teóricos de maneira transversal, ao longo de todo o semestre, em diferentes recortes de espaço-tempo. Foram disponibilizados, além dos textos base da disciplina, materiais específicos sobre cada caso a ser analisado, apresentados nos Quadros 2, 3, e 4. As três atividades foram feitas em grupo, de modo que os alunos tiveram oportunidade de explorar, inclusive, os ganhos da discussão e reflexão com pares, outra estratégia amplamente difundida na literatura de aprendizado ativo (Mazur, 2015). A relação dos casos, bem como a identificação dos instrumentos de avaliação de percepção são apresentados no Quadro 1.

Quadro 01: Relação de Casos da Disciplina de GPS

Número do Caso	Título do Caso	Formulários de avaliação de percepção
Caso 1	A2/AD da Federação Russa	1.1 e 1.2

Alves, Teixeira Junior & Pacheco. O Caso de Ensino no Contexto Remoto: a experiência da disciplina de Geopolítica e Segurança

Caso 2	Ambiente geoestratégico do Leste Asiático	2.1 e 2.2
Caso 3	A2/AD no Norte da América do Sul	3.1 e 3.2

O primeiro caso aplicado foi o de A2/AD da Federação Russa. Previamente à atividade, os alunos tiveram uma explanação expositiva inicial acerca dos seguintes assuntos: o que é geopolítica, a conexão entre geopolítica e estratégia, a relação entre guerra e geografia. Como base acadêmica para esses conteúdos, utilizou-se o aporte de autores como Colin S. Gray (1999) e Murray (1999). Ao dissertar sobre guerra e geografia, os alunos foram apresentados ao caso da Rússia. Foi feita uma explanação sobre o contexto geopolítico de antagonismo entre a Federação Russa e a OTAN e as principais linhas de conflito daquela região (Báltico, Ucrânia e Mar Negro).

A avaliação, conforme o Quadro 2, consistiu na elaboração em grupo, por parte dos alunos, de uma Análise Geopolítica. Foi utilizado o texto de Freier (2012) como forma de introduzir a questão do A2/AD para a primeira avaliação. Os alunos tiveram como ponto de apoio o mapa interativo “*The Russia - NATO A2/AD Environment*”, produzido pelo *CSIS Missile Defense Project* (Williams, 2017). O mapa e suas informações geoestratégicas permitiram uma primeira experimentação com o fenômeno do A2/AD, tendo o Leste Europeu como o teatro de operações sob análise. Em ambos os casos, estiveram à disposição dos alunos dados sobre: capacidades de ataque naval, ataque terrestre e defesa aérea e missilística dos países estudados. Em adição, foram disponibilizadas informações sobre potenciais áreas de desembarque (aéreo e marítimo), úteis para pensar acesso e antiacesso.

Quadro 02: Caso de Ensino 1. Análise de Geopolítica A2/AD da Federação Russa

Pergunta	Estrutura	Referências para o caso
Como compreender o cenário geoestratégico da oposição Rússia-OTAN no leste europeu sob a ótica do A2/AD?	<p><u>Análise Geopolítica:</u></p> <p>a) <u>Título:</u> o título deve ser curto e diretamente relacionado ao tópico.</p> <p>b) <u>Contexto:</u> Com ênfase na relação entre geopolítica e estratégia e guerra e geografia, explore o contexto regional estudado.</p> <p>c) <u>Disputa:</u> forneça uma contextualização concisa da disputa</p>	<p>Freier (2012)</p> <p>Mapa interativo (Williams, 2017)</p> <p>https://missilethreat.csis.org/russia-nato-a2ad-environment/</p>

	<p>geopolítica e apresente uma descrição do seu status atual.</p> <p>d) <u>Diagnóstico</u>: com ênfase no grupo no qual está alocado (vermelho ou azul), desenvolva um diagnóstico da disputa geopolítica, com ênfase na dinâmica do antiacesso e negação de área (A2/AD).</p>	
--	--	--

O segundo caso focou na China, em particular na dinâmica de rivalidade entre Pequim e Washington. Neste estágio da disciplina, os alunos já se encontravam familiarizados com as teorias do Poder Terrestre, Marítimo e do Rimland, de forma que puderam realizar uma avaliação mais profunda do cenário sob análise. O ambiente geoestratégico do Leste Asiático (com primazia para o Pacífico Ocidental), foi apresentado através do mapa interativo “*Chinese Power Projection Capabilities in the South China Sea*”, do *Asia Maritime Transparency Initiative* (CSIS, 2020). Seguindo com a ampliação dos recursos disponíveis aos alunos para a análise dos casos para estudo, o caso chinês apresentou a disposição dos meios aéreos, as plataformas de mísseis e a cobertura de radar. Os equipamentos e sua contribuição para a produção de capacidades militares foram contextualizados à luz dos reclamos territoriais chineses na região através da “*Nine-Dash Line*”. De forma complementar, foram cedidos dados sobre posicionamento e meios dos Estados Unidos na região investigada.

Quadro 03: Caso de Ensino 2. Análise de Geopolítica A2/AD do Leste Asiático

Pergunta	Estrutura	Referências para o caso
<p>Como compreender o cenário geoestratégico da oposição China-Estados Unidos no leste asiático sob a ótica do A2/AD?</p>	<p><u>Análise Geopolítica:</u> <u>Título:</u> o título deve ser curto e diretamente relacionado ao tópico.</p> <p>b) <u>Contexto:</u> Com ênfase na relação entre geopolítica e estratégia e guerra e geografia, explore o contexto regional estudado.</p> <p>c) <u>Disputa:</u> forneça uma contextualização concisa da disputa geopolítica e apresente uma descrição do seu status atual.</p> <p>d) <u>Diagnóstico:</u> com ênfase no grupo no qual está alocado (vermelho ou azul), desenvolva um diagnóstico da disputa geopolítica, com ênfase na dinâmica do</p>	<p>Ambiente Geopolítico e de Segurança para Estudo: Leste Asiático -</p> <p>https://amti.csis.org/chinese-power-projection/</p> <p>https://www.businessinsider.com/tensions-in-the-south-china-sea-explained-in-18-maps-2015-1#18trade-and-resources-in-the-indian-ocean-18</p> <p>https://www.pri.org/stories/2017-08-11/us-has-massive-military-presence-asia-pacific-heres-what-you-need-know-about-it</p>

	antiacesso e negação de área (A2/AD).	https://www.businessinsider.com/without-the-us-navy-and-air-force-globalization-as-we-know-it-would-be-impossible-2015-3
--	---------------------------------------	---

Ministrados os conteúdos sobre geopolítica, guerra e estratégia e o seu uso no estudo de casos à luz das teorias clássicas de Mackinder, Mahan e Spykman, os alunos foram apresentados à teoria do Poder Aéreo e à geopolítica espacial. Com base no acumulado da disciplina, o terceiro caso para estudo - Brasil - buscou propor uma reflexão analítica sobre o ambiente de A2/AD no Norte da América do Sul, a partir da díade Brasil-Venezuela. Para tal finalidade, os alunos foram instados a pensar, de forma comparativa, como as características geoestratégicas dos casos anteriores contribuíram para o esforço analítico acerca da realidade brasileira. De forma a aproximá-los da realidade geopolítica e militar brasileira foram adotados autores militares, como Gheller et al. (2015),

Lima Júnior (2016) e Paiva (2016). O primeiro com a discussão de sistemas de armas (artilharia de mísseis e foguetes - ASTROS) e seu potencial para o A2/AD brasileiro e o segundo permitiu vislumbrar a adequação dessa modalidade de estratégia para a realidade brasileira. O Quadro 4 sintetiza a estrutura da atividade de avaliação nessa última etapa.

Quadro 04: Caso de Ensino 3. Ensaio Geopolítico na América do Sul

Pergunta	Estrutura	Referências para estudo
Como o Brasil poderia incorporar a ótica de A2/AD em sua estratégia de defesa?	<p><u>Ensaio Geopolítico:</u></p> <p><u>Título:</u> o título deve ser curto e diretamente relacionado ao tópico.</p> <p>b) <u>Contexto:</u> Com ênfase na relação entre geopolítica e estratégia, explore o contexto regional (ambiente amazônico e atlântico sul).</p> <p>c) <u>Desafio Estratégico:</u> forneça uma contextualização concisa dos desafios geopolíticos (países) que possam ensejar um sistema de A2/AD no Brasil.</p> <p>d) <u>Proposta:</u> desenvolva uma proposta de um sistema de antiacesso e negação de área (A2/AD) para o Brasil.</p>	<p>Gheller et al. (2015)</p> <p>Lima Júnior (2016)</p> <p>Paiva (2016)</p> <p>Ambiente Geopolítico e de Segurança para Estudo: América do Sul. https://www.google.com.br/maps</p>

Alves, Teixeira Junior & Pacheco. O Caso de Ensino no Contexto Remoto: a experiência da disciplina de Geopolítica e Segurança

Foram aplicados formulários antes (pré) e depois (pós) da aplicação de cada um dos estudos de caso implementados na disciplina, compondo um total de seis formulários de respostas: 1.1, 1.2, 2.1, 2.2, 3.1 e 3.2. O objetivo foi avaliar a autopercepção dos alunos sobre o conhecimento nos conceitos e termos antes e depois de cada atividade. É preciso ponderar que a análise de autopercepção geralmente carrega um elemento de viés importante, pois o aluno pode declarar perceber melhoria na aprendizagem apenas para corresponder positivamente ao esforço do professor. Ainda assim, essa informação é valiosa do ponto de vista do processo de ensino-aprendizagem, pois é uma medida do quanto os alunos percebem que a atividade pode ter contribuído para o aumento de sua aprendizagem.

Os formulários foram estruturados em duas seções: uma teórica e uma seção específica. A primeira parte se repetiu ao longo dos seis formulários - em que os alunos atribuíram uma nota de 0 a 5, em uma escala *Likert*, quanto à autopercepção de domínio teórico-conceitual dos onze principais temas discutidos na disciplina, a saber: posicionamento geográfico, estratégia e tática, antiacesso (A2), negação de área (AD), liberdade de ação, sistemas de armas, domínio terrestre, domínio marítimo, domínio aéreo, domínio espacial e domínio cibernético. A segunda parte dos formulários compreendia em uma seção com os conceitos específicos, abordados em cada um dos casos.

No caso 1, ‘Como você considera seu conhecimento sobre os seguintes tópicos relacionados ao debate A2/AD no caso do Leste Europeu no que tange ao’: (i) interesse da Rússia no caso, (ii) interesse da OTAN no caso, (iii) antiacesso (A2), (iv) negação de área (AD), (v) domínio terrestre em questão, (vi) domínio marítimo em questão, (vii) domínio aéreo em questão, (viii) domínio espacial em questão, (ix) domínio cibernético em questão, (x) sistemas de armas.

No caso 2, ‘Como você considera seu conhecimento sobre os seguintes tópicos relacionados ao debate A2/AD no caso do Leste Asiático’ no que tange ao’: (i) interesse da China no caso, (ii) interesse dos Estados Unidos, (iii) antiacesso (A2) no caso em questão, (iv) negação de área (AD) do caso em questão, (v) domínio terrestre em questão, (vi) domínio marítimo em questão, (vii) domínio aéreo em questão, (viii) domínio espacial em questão, (ix) domínio cibernético em questão, (x) sistemas de armas em questão.

Alves, Teixeira Junior & Pacheco. O Caso de Ensino no Contexto Remoto: a experiência da disciplina de Geopolítica e Segurança

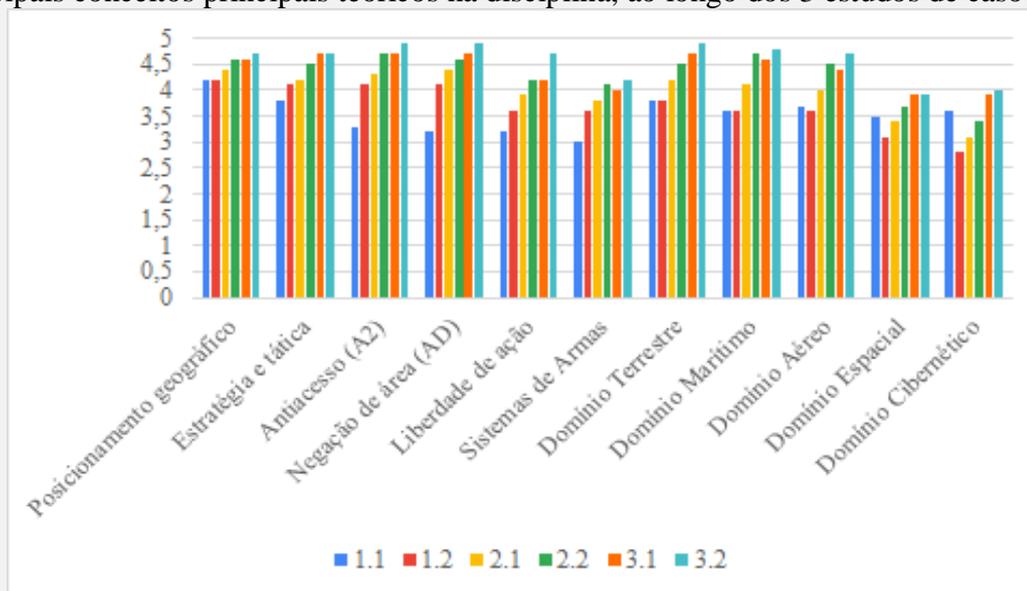
No caso 3, ‘Como você considera seu conhecimento sobre os seguintes tópicos relacionados ao debate A2/AD no caso do Norte da América do Sul quanto ao’: (i) interesse da Brasil no caso, (ii) antiacesso (A2) no caso em questão, (iii) Negação de área (AD) do caso em questão, (iv) Sistema Conjunto de Defesa Antiacesso e Negação de Área (SCDANA), (v) domínio terrestre em questão, (vi) Domínio marítimo em questão, (vii) Domínio aéreo em questão, (viii) Domínio espacial em questão, (ix) Domínio cibernético em questão, (x) Sistemas de armas em questão.

5. Resultados, desafios e considerações finais

A consolidação dos resultados evidenciou desafios práticos do ponto de vista do professor que busca sistematizar e monitorar a aplicação e a eficácia da atividade de ensino. O primeiro desafio foi conseguir a adesão dos alunos em responder todos os formulários de autopercepção de domínio dos conceitos teóricos e relativos a cada caso, antes e depois da atividade. Como a identificação era mandatória (através do número de matrícula, com a finalidade de controle), foram observados casos em que o aluno só respondeu o formulário antes ou depois, de modo que os dados não-pareados foram excluídos, para que a análise fosse equilibrada quanto às respostas antes e depois. Após a limpeza dos dados dos questionários, o número de respondentes do primeiro caso (1.1 e 1.2) foi 18 alunos, do segundo caso (2.1 e 2.2), 10 respondentes e do terceiro caso (3.1 e 3.2), 9 alunos respondentes. A maior implicação desse problema é o baixo número de observações nas amostras, dificultando o cálculo de significância estatística, de modo que a análise ficou restrita à análise descritiva dos dados.

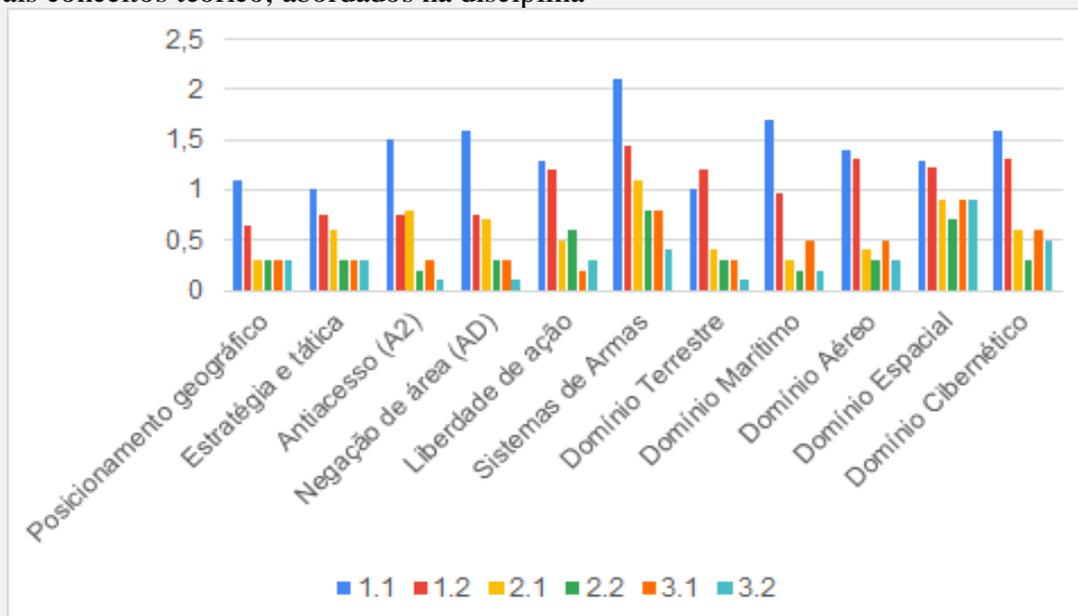
A Figura 1 indica que, com o decorrer das aplicações dos casos ao longo do semestre, a média da percepção dos alunos de aprendizagem dos onze principais conceitos teóricos da disciplina aumentou de maneira significativa. Esses conceitos foram avaliados na primeira seção de cada formulário aplicado antes e depois dos casos.

Figura 01: Média da autopercepção de aprendizado dos alunos sobre os principais conceitos principais teóricos na disciplina, ao longo dos 3 estudos de caso



A Figura 2 reforça o indicativo de que as atividades foram bem-sucedidas em consolidar os conceitos teóricos ao longo do curso. É possível verificar uma queda da variância entre as respostas dos alunos, o que sinaliza maior convergência entre as respostas e maior consistência sobre a percepção dos alunos respondentes sobre o aprendizado dos principais conceitos da disciplina.

Figura 02: Variância da autopercepção de aprendizado dos alunos sobre os principais conceitos teórico, abordados na disciplina



As Figuras 3, 4 e 5 ilustram a autopercepção em conceitos específicos de cada um dos casos. Nota-se que em todos os conceitos os alunos declararam uma melhoria da autopercepção de aprendizagem dos conceitos após a realização da atividade, o que

Alves, Teixeira Junior & Pacheco. O Caso de Ensino no Contexto Remoto: a experiência da disciplina de Geopolítica e Segurança

sinaliza que a ferramenta auxiliou na aprendizagem dos alunos. Evidencia-se, ainda, que as médias quanto à autopercepção de aprendizagem dos conceitos domínios espacial, cibernético e sistema de armas foram mais baixas em relação a outros domínios (terrestre e marítimo, por exemplo). Esse nível de aprendizagem, inferior aos demais conceitos, era esperado pelo docente não apenas por serem temas menos explorados na literatura do curso (especialmente sistemas de armas e domínio espacial), como também por terem sido apresentados na última parte da disciplina, de modo que houve menos tempo para um aprofundamento na compreensão de conceitos e termos técnicos do campo militar. As discussões em torno dos domínios terrestre, marítimo e aéreo foram empregadas na maioria dos casos, o que não ocorreu com os debates sobre ciberespaço e sistemas de armas (discutidos de maneira menos consistente).

Figura 03: Média da autopercepção dos alunos sobre o aprendizado dos conceitos específicos do caso 1, Leste Europeu (0, “não sei nada sobre o conceito” 5 “domínio do conceito”), pré e pós atividade

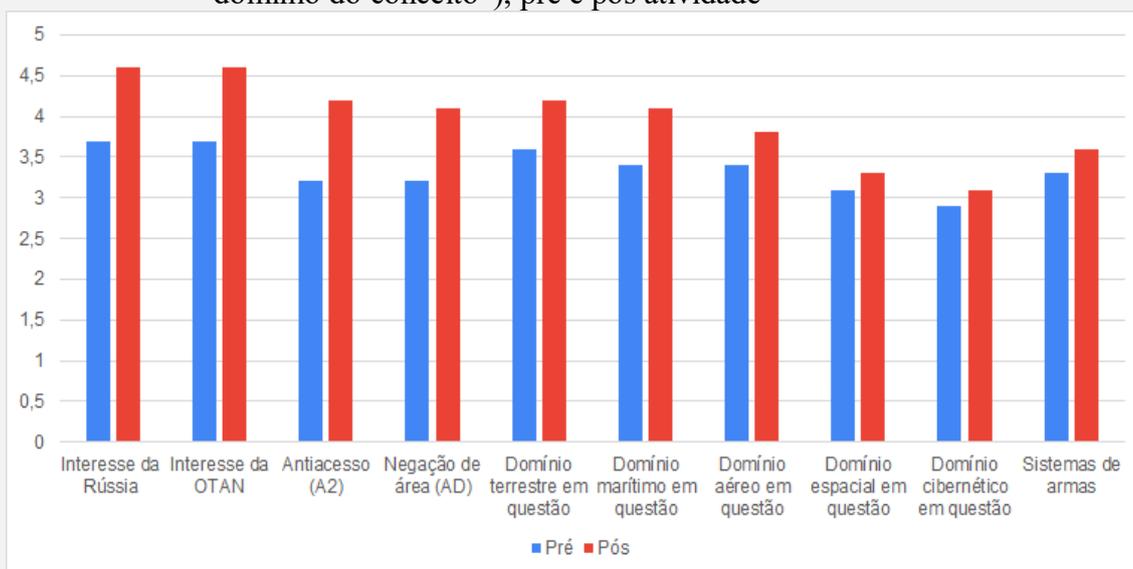


Figura 04: Média da autopercepção dos alunos de aprendizado dos conceitos específicos do caso 2, Leste Asiático (0, “não sei nada sobre o conceito” 5 “domínio do conceito”), pré e pós atividade

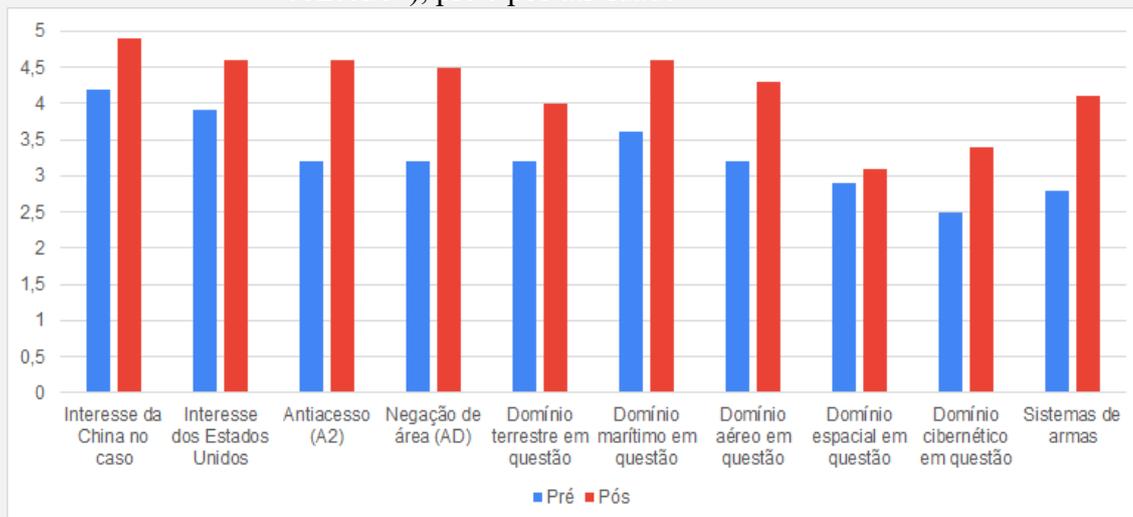
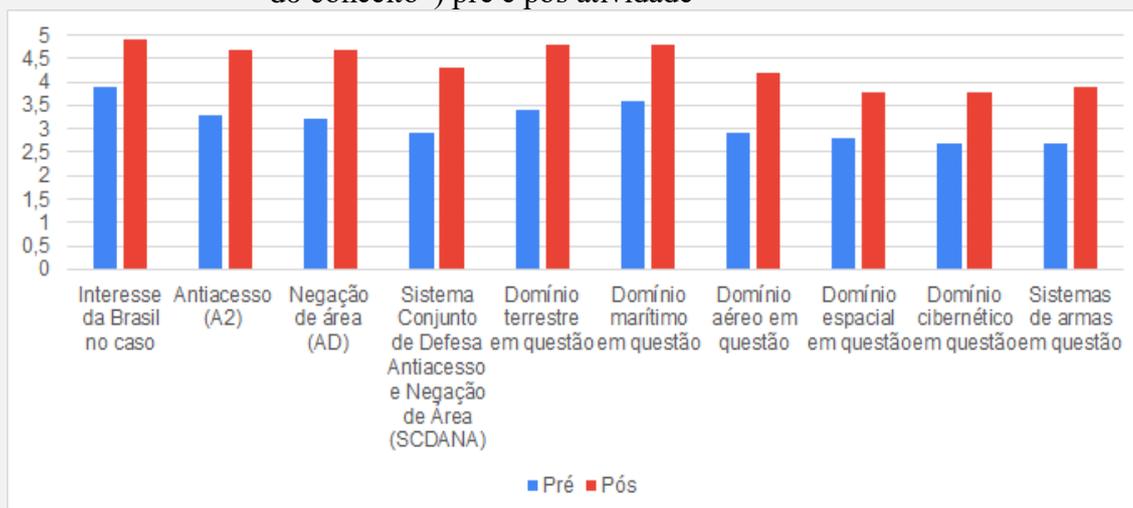


Figura 05: Média da autopercepção dos alunos de aprendizado dos conceitos específicos do caso 3, América do Sul (0, “não sei nada sobre o conceito” 5 “domínio do conceito”) pré e pós atividade



A média das notas das avaliações dos alunos foi 8,90 no Caso 1, 8,63 no Caso 2 e 8,62 no Caso 3. Conforme o progresso da disciplina, os conteúdos das avaliações eram cumulativos. Somando-se a essa dificuldade, foi demandada também a capacidade dos discentes de mobilizar uma ampla gama de expressões técnicas militares, várias das quais novas para muitos dos alunos. Por isso, apesar de relativamente alta, a média da turma apresentou uma tendência decrescente que, na avaliação do docente responsável pela disciplina e avaliação, decorreu do aumento do rigor das avaliações ao longo do curso. Em síntese, os resultados sugerem que a atividade foi eficaz ao atingir seus objetivos de

Alves, Teixeira Junior & Pacheco. O Caso de Ensino no Contexto Remoto: a experiência da disciplina de Geopolítica e Segurança

dinamizar e melhorar o processo de ensino-aprendizagem a partir de reflexões práticas do sistema internacional.

O ensino combinado de Geopolítica e Segurança Internacional em uma única disciplina é um desafio. Buscando maximizar as chances de aprendizado discente acerca da geografia das relações internacionais e de suas dinâmicas de segurança, optou-se por engajar em um debate contemporâneo: estratégias operacionais de antiacesso e negação de área. Essa opção apresentou um *trade-off*. Se por um lado, possui elevado valor explanatório acerca da conexão entre geografia, poder militar e segurança, este debate demanda o conhecimento de um complexo conjunto de conceitos e termos militares, normalmente atrelados a sistemas de armas. Buscamos mitigar o lado negativo do *trade-off* ofertando aos alunos informações complementares, documentários e palestras com especialistas sobre diversos assuntos debatidos na disciplina. Entretanto, uma constatação se mostra possível: a dificuldade do alunado em compreender melhor questões militares diz mais sobre como esse conteúdo se faz necessário em cursos de graduação. Conclui-se que o ensino de tais conteúdos alargou o horizonte de oportunidades analíticas dos discentes, contribuindo para dotá-los com mais ferramentas que possibilitam a compreensão dos fenômenos geopolíticos e de segurança internacional. De forma a mitigar essa deficiência, buscar-se-á ofertar com mais frequência a optativa de Estudos Estratégicos, sugestão já contida nas Diretrizes Curriculares Nacionais da área de Relações Internacionais.

A pandemia de Covid-19 intensificou inúmeros desafios de ordem política, econômica, social e tecnológica que permeiam a atividade de ensino no Brasil. Os professores e alunos tiveram que se adaptar dentro das difíceis condições colocadas no cenário e as incontáveis dificuldades tornaram o ensino superior ainda mais desafiador do que já o é presencialmente. Nesse sentido, houve um esforço no sentido de repensar como um todo a disciplina obrigatória de Geopolítica e Segurança Internacional, de modo a permitir que os alunos tivessem uma experiência prática dos conteúdos ensinados. A questão da baixa participação no preenchimento dos formulários também pode estar diretamente relacionada ao ambiente remoto, já que, presencialmente, fica mais claro para os alunos o que e quando preencher, além do que a atividade só se inicia após o preenchimento dos formulários.

Com os resultados aqui apresentados, espera-se que mais professores da área de relações internacionais possam repensar e reformular o conteúdo e os instrumentos de

Alves, Texeira Junior & Pacheco. O Caso de Ensino no Contexto Remoto: a experiência da disciplina de Geopolítica e Segurança

seus programas de disciplina em semestres em contexto remoto, híbrido ou até mesmo presencial, viabilizando a utilização de casos de ensino ou outras estratégias de aprendizagem ativa. Desse modo, será possível proporcionar experiências práticas, atividades tão demandadas por alunos em cursos de relações internacionais.

Referências

CSIS, Center for Strategic and International Security. (2020) Chinese Power Projection Capabilities in the South China Sea. Asia Maritime Transparency Initiative. Recuperado de <https://amti.csis.org/chinese-power-projection/>

Carvalho Pinto, V., Correa, H., & de Medeiros, F. (2017). O Caso Prático Como Método De Ensino Em Teoria Das Relações Internacionais: O Programa Nuclear Iraniano Segundo Os Níveis De Análise. *Meridiano 47–Journal of Global Studies*, 18, 1-18.

Freier, N. (2012) The Emerging Anti-Access/Area-Denial Challenge. *Critical Questions*. CSIS – Center for Strategic and International Studies. May 17. Recuperado de <https://www.csis.org/analysis/emerging-anti-accessarea-denial-challenge>.

Gaufman, L., & Möller, S. (2021). More than an YouTube channel - Engaging students in an online classroom In: Szarejko, A. A. (ed.) *Pandemic Pedagogy: Teaching International Relations during (and after) COVID-19*. SpringerNature (pre-print).

Gheller, G. F. O., Gonzales, S. L. D. M. O., & Melo, L. P. D. O. (2015). Amazônia e Atlântico Sul: desafios e perspectivas para a defesa no Brasil, caps. 4, 6 e 10. Recuperado de https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/150831_amazonia_e_atlantico_sul_web.pdf

Glazier, R. (2021). Making Human Connections in Online Teaching. *PS: Political Science & Politics*, 54(1), 175-176.

Golich, V. L., Boyer, M., Franko, P., & Lamy, S. (2000) *The ABCs of Case Teaching*. Pew Case Studies in International Affairs. Washington, DC: Georgetown University, Institute for the Study of Diplomacy.

Gray, C. S., & Sloan, G. (Orgs). (1999). *Geopolitics, Geography and Strategy*, London and New York: Routledge.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua do IBGE do 4º trimestre de 2019, sobre o acesso à Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30521-pnad-continua-tic-2019-internet-chega-a-82-7-dos-domicilios-do-pais>

Lamy, S. L. (2012) Teaching foreign policy cases. Smith, S.; Hadfield, A., & Dunne, T. (Eds). *Foreign Policy: Theories, Actors, Cases*. Oxford: Oxford University Press, 2nd ed., p. 243-255.

Lima Jr, C. A. R. (2016). Artilharia de mísseis e foguetes: contribuição para um sistema conjunto de defesa antiacesso e negação de área (SCDANA). *Doutrina Militar Terrestre em revista*. Janeiro a Junho. Recuperado de <http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/DMT/article/view/728/780>

Alves, Teixeira Junior & Pacheco. O Caso de Ensino no Contexto Remoto: a experiência da disciplina de Geopolítica e Segurança

Lynn, L. E. (1999) Teaching and Learning with cases: A guidebook. New York: Chatam House Pub.

Marinoni, G., Van't Land, H., & Jensen, T. (2020). The impact of Covid-19 on higher education around the world. IAU Global Survey Report, Published by the International Association of Universities, May.

Mattos, C. de M. (2002) Geopolítica e Modernidade: a geopolítica brasileira. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.

Mazur, E. (2015). Peer instruction: a revolução da aprendizagem ativa. Penso Editora.
Milani, C. R. S., & Tude, J. M. (2015). Globalização e Relações Internacionais: casos de ensino. Rio de Janeiro: FGV.

Murray, W. (1999) Some thoughts on war and geography. *Journal of Strategic Studies* 22(2), 201-217.

Paiva, L. E. R. (2016) A Defesa precisa de integração estratégica. EBLOG - Blog do Exército Brasileiro. 25 abril. Recuperado de eblog.eb.mil.br/index.php/menu-easyblog/gen-bda-r1-luiz-eduardo-rocha-paiva.html

Ramanzini Jr, H., & Lima, T. (2017). Desafios e caminhos do ensino, pesquisa e extensão em Relações Internacionais no Brasil. *Meridiano* 47, 18.

Roesch, S. M. A. (2007). Casos de ensino em administração: Notas sobre a construção de casos para ensino. *Revista de Administração Contemporânea*, 11(2), 213-234.

Tangredi, S. J. (2013) Anti-access Warfare: Countering A2/AD Strategies. Annapolis: Naval Institute Press.

Williams, I. (2017) The Russia – NATO A2AD Environment. *Missile Threat*. CSIS Missile Defense Project. January 3. Recuperado de <https://missilethreat.csis.org/russia-nato-a2ad-environment/>